

LINDA BARRICK com JOHN PERRY

A Menina que Deus Despertou

Um trágico acidente, um pedido de ajuda e a resposta de Deus

A Miracle for Jen

Traduzido do inglês por
Isabel Veríssimo



Índice

PREFÁCIO: ANTES DE COMEÇAR...	3
CAPÍTULO 1 > QUASE PERFEITA	17
CAPÍTULO 2 > «ONDE ESTAMOS?»	29
CAPÍTULO 3 > ENTRE A VIDA E A MORTE	37
CAPÍTULO 4 > O SALÁRIO DO PECADO	51
CAPÍTULO 5 > COMO NÓS ÉRAMOS	63
CAPÍTULO 6 > RECUSANDO-SE A DUVIDAR	75
CAPÍTULO 7 > «NÃO VÃO ACREDITAR NISTO...»	91
CAPÍTULO 8 > OS ALTOS E BAIXOS DA FÉ	105
CAPÍTULO 9 > UM TESOURO DEBAIXO DA CAMA	121
CAPÍTULO 10 > COMEÇAR DO ZERO	141
CAPÍTULO 11 > BATER NO FUNDO	157
CAPÍTULO 12 > NAS MÃOS DE DEUS	177
CAPÍTULO 13 > SUSSURRA ESPERANÇA NO MEU OUVIDO	189
CAPÍTULO 14 > A CRIANÇA MILAGRE	201
CAPÍTULO 15 > AMARGA OU MELHOR	213

A MENINA QUE DEUS DESPERTOU

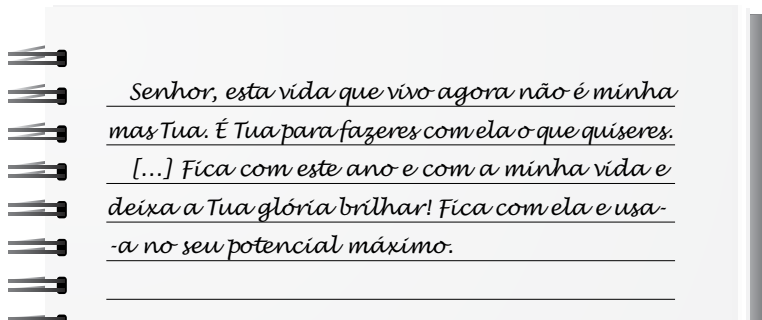
CAPÍTULO 16 > ESTENDER A MÃO	223
CAPÍTULO 17 > ALGUMA COISA É IGUAL?	239
CAPÍTULO 18 > O MELHOR AINDA ESTÁ PARA VIR	255
UMA PALAVRA DE JEN	263
AGRADECIMENTOS	265
NOTAS	267
SOBRE OS AUTORES	269

Capítulo 1

Quase perfeita

Vossos olhos contemplaram-me em embrião, todos os dias se inscreviam no Vosso livro, até antes que um só deles existisse.

SALMO 139 (138):16



Senhor, esta vida que vivo agora não é minha
mas Tua. É Tua para fazeres com ela o que quiseres.
[...] Fica com este ano e com a minha vida e
deixa a Tua glória brilhar! Fica com ela e usa-
-a no seu potencial máximo.

Diário de Jen, três meses antes do acidente

O meu telemóvel estava a tocar.

O meu cérebro reagiu automaticamente. Eu sabia que tinha de esticar a mão até aos pés e tirar o telemóvel da carteira. Mas o meu corpo não se mexia. Eu não sentia nada, apenas uma sensação de estar presa, como se estivesse enrolada num cobertor de aço.

Abri os olhos. O meu rosto estava esmagado contra um para-brisas de vidro esmagado. *Como vim aqui parar? Estou a sonhar? Eu não estava ainda agora com o meu marido e o meu filho a ver Jen, a nossa filha de 15 anos, a cantar no coro no concerto de outono da escola?*

Baixei a mão direita para tocar na perna e quando a subi vi que estava cheia de sangue.

Isto não pode ser real. Senhor, por favor acorda-me!

– Mãe? Mãe?!

Ouvi Josh chamar-me do banco de trás. Não consegui virar-me para vê-lo, mas respondi.

– Josh! Josh!

– Mãe!

– Isto é real?! – perguntei. – É um sonho? – Não ouvi uma resposta, por isso repeti. – Isto é real?

– Sim, mãe, é real.

Angustuada, exclamei:

– Senhor Jesus, *ajuda-nos*, por favor! Vem em nosso auxílio! Salva-nos! Josh e eu começámos a rezar em voz alta.

– Pai, por favor não deixes que a Jen e o Andy morram! Oh, Deus, ajuda-nos! Por favor, não deixes que eles morram! Tu és todo-poderoso. Podes fazer tudo! Nós precisamos de um milagre!

Depois Andy, o meu marido, começou a mexer-se.

– Onde estamos? – perguntou ele, hesitante. – Que está a acontecer?

Ele estava em estado de choque e não respondeu a nenhuma das nossas perguntas, mas pelo menos estava vivo. Jen continuava em silêncio no banco, atrás de Andy.

Como mãe que sou, desejei com todas as moléculas do meu corpo abraçar Josh, tocar-lhe e fazê-lo sentir-se melhor. Queria pegar em Jen e dizer-lhe que a amava. Mas não conseguia mexer-me. O metal esmagado e o vidro partido prendiam o meu corpo como uma sinistra luva gigante.

A única coisa que podia fazer era rezar.

>>>

Apenas uma hora antes, estivera sentada no santuário da nossa igreja enquanto a música se espalhava em ondas pela audiência, inundando a sala com sons de louvor e com a energia pulsante de jovens corações a bater ardentemente por Cristo.

Nos dois primeiros versos, o coro manteve-se como acompanhamento enquanto a solista cantava sobre o amor fantástico e inexprimível de

Jesus. Depois, com um aumento do som das cordas e um impulso da bateria, o coro entrou na ribalta musical, cada cantor a mover-se ao ritmo da orquestra, a baloiçar ao som da música, alguns a erguer as mãos enquanto louvavam o seu incrível e todo-poderoso Salvador:

*Maravilhoso, glorioso, santo e justo,
Vitorioso conquistador, triunfante e poderoso,
Curandeiro, salvador, escudo e defesa,
Torre forte e meu melhor amigo,
Omnipotente, omnipresente, Rei que virá em breve,
Alfa, Ômega, Senhor de todas as coisas,
Santo, santo, santo é o teu nome!*

De todos os cantores da Academia Cristã Liberty que estavam no palco naquela noite, uma destacava-se especialmente para mim: uma linda aluna do 11.º ano, de cabelo castanho-avermelhado, que parecia transformada pelas palavras e pela música que a rodeavam, completamente concentrada em transmitir a sua paixão por Cristo ao público. Talvez fosse porque os monitores de vídeo que flanqueavam o palco estavam sempre a mostrar o seu rosto, resplandecente de entusiasmo. Talvez fosse porque ela estava no fim de uma fila e tinha espaço para se mexer um pouco, enquanto a maioria dos alunos estavam ombro com ombro em degraus.

Ou talvez fosse porque sou mãe dela.

Jennifer aguardava há semanas com ansiedade este concerto de outono, pois queria ter o privilégio de cantar no serviço religioso de domingo à noite para mais de três mil pessoas. Seria o seu primeiro espetáculo com o coro do liceu e Jen adorava novas experiências. Fiquei um pouco surpreendida por ela querer fazer parte do grupo uma vez que, apesar de todos os seus muitos dons e talentos, Jen não tinha aquilo a que eu chamaria uma voz fabulosa. Deus abençoara-a de muitas outras formas – ela era aluna de quadro de honra, jogava na equipa principal de futebol e era um elemento da claque principal, premiada a nível nacional – e nunca tinha evidenciado um grande interesse

pelo coro. Porém, como é típico de Jen, aquilo que lhe faltava em capacidade natural foi compensado com entusiasmo e muito trabalho.

O 11.º ano estava a revelar-se o seu melhor ano até à data, parte de um incrível momento de transformação que estava a acontecer diante dos meus olhos. Parecia que apenas ontem Jen andava a correr de um lado para o outro com um boné de basebol e roupas manchadas de lama, a cuspir sementes de girassol. Muitas vezes, eu tinha de lhe implorar que penteasse o cabelo. Agora, estava a transformar-se numa linda jovem. O aparelho fora retirado ao fim de dois anos, revelando um novo sorriso deslumbrante. Há pouco tempo, ela comprara o seu primeiro vestido formal para usar no banquete dos caloiros-finalistas. Eu quase não reconhecera a mulher glamorosa e elegante que saíra do quarto de Jen quando o seu par chegou para vir buscá-la.

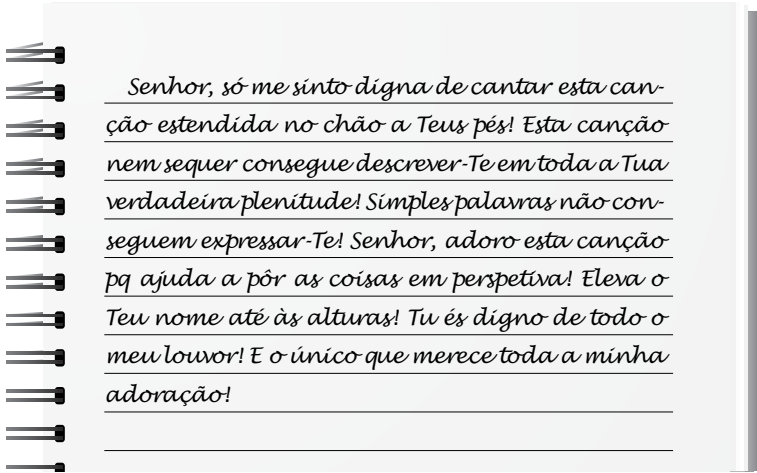
Apenas duas noites antes do concerto fui ao jogo de futebol americano para ver a sua atuação na claque. Ela foi muito exuberante e cheia de vida, dando tudo em todos os saltos como sempre fazia, com o rosto a brilhar de energia e entusiasmo. Agora ali estava ela no palco, tão decidida a dar o seu melhor no coro como fazia na equipa de futebol ou na claque. Não podia sentir mais orgulho da minha preciosa filha. A vida dela parecia quase perfeita!

A música era boa para Jen porque era uma forma nova de ela expressar a sua fé. Ela era uma menina simpática e popular, mas guardara sempre os seus pensamentos só para si. Em termos espirituais e emocionais, ela era uma pessoa muito discreta. Não falava muito comigo nem com outras pessoas acerca do que lhe ia na mente e no coração. Por muito comprometida que Jen estivesse com Cristo, e por muito que quisesse que os seus amigos conhecessem Cristo como ela conhecia, não era natural para ela dar testemunhos personalizados. Quando o seu grupo de jovens ia, de porta em porta, partilhar o amor de Deus com desconhecidos, ela ficava sempre discretamente atrás e nunca falava.

Na verdade, uma das minhas preces por Jen naquele ano era que ela fosse arrojada. Jen tinha-me pedido que rezasse para que ela encontrasse uma forma de expressar a sua relação pessoal com Deus em voz alta. A música deu-lhe uma ferramenta para gritar o seu amor. É por isso que penso que ela cantou com um brilho especial naquela noite, na sua estreia musical.

A canção que ela estava a cantar aumentou ainda mais o seu entusiasmo. «Senhor, Tu És Santo» era uma das suas preferidas, especialmente a parte no meio, quando o coro assume o comando, descrevendo a inacreditável e incomensurável profundidade e riqueza do amor de Deus. Ela tinha passado a semana inteira a cantar aqueles versos em casa.

Na altura eu não sabia, mas naquela tarde Jen fizera uma referência ao concerto que se aproximava no seu diário. As páginas que escrevia todos os dias no seu diário eram o único lugar onde o espírito profundo e terno de Jennifer Barrick se revelava totalmente. Ali, em cadernos de espiral infantis e simpes, decorados com bolinhas ou personagens de desenhos animados, ela escreveu cartas para Jesus como se Ele fosse o seu melhor amigo. Poucas horas antes, a antecipar este momento no palco, ela dissera-Lhe:



Senhor, só me sinto digna de cantar esta canção estendida no chão a Teus pés! Esta canção nem sequer consegue descrever-Te em toda a Tua verdadeira plenitude! Simples palavras não conseguem expressar-Te! Senhor, adoro esta canção pq ajuda a pôr as coisas em perspetiva! Eleva o Teu nome até às alturas! Tu és digno de todo o meu louvor! E o único que merece toda a minha adoração!

A música teve um final grandioso. Antes de soar a última nota, o público composto por pais, amigos e membros da igreja ergueu-se em unísono e os seus vivas e aplausos encheram o espaçoso santuário da Igreja Batista de Thomas Road, sede da Academia Cristã Liberty e parceira no ministério com a Universidade Liberty, onde o meu marido,

Andy, era diretor das relações com os alunos. Naquela noite ele estava ao meu lado no público, juntamente com o nosso filho Josh, de 11 anos. Tal como o pai, Josh adorava desporto e provavelmente não teria colocado o concerto do coro em primeiro lugar na sua lista de preferências para uma saída em família. No entanto, gostou claramente de ver a irmã em palco.

Andy e Josh tinham chegado ao espetáculo pouco antes do início. Jen e eu tínhamos vindo para a igreja sozinhas nessa tarde porque os rapazes estavam a regressar a casa depois de um torneio de basebol em que Josh participara durante o fim de semana. Estavam com o nosso amigo Dr. Tim Clinton e com Zach, o filho dele, que também participara no torneio. Megan, a filha de Tim, também cantava no concerto nessa noite, por isso os jogadores pararam em nossa casa para um duche rápido e em seguida vieram para a igreja no carro de Tim. Assim, Andy, os nossos filhos e eu poderíamos voltar para casa juntos. Seria ótimo aproveitar o tempo para ouvirmos as aventuras uns dos outros. Além disso, Andy sabia que eu detestava conduzir à noite.

Quando os aplausos pararam e a multidão se sentou, o orador da noite ocupou o seu lugar no púlpito. Naquela noite, o Dr. Ed Hindson, o meu pai, pregou sobre profecia. Já ouvi, desde pequena, o meu pai, um conceituado professor da Universidade Liberty, discursar milhares de vezes. Os seus conhecimentos, baseados em anos de estudo e ensino do Livro do Apocalipse, inspiraram números incalculáveis de pessoas. Nesta noite específica, senti que a sua pregação estava especialmente inspirada. No final do sermão, todos os presentes pareciam comovidos. Mais de cem pessoas começaram a rezar.

Depois da oração final, a congregação levantou-se e dirigiu-se para as saídas, a murmurar com energia acumulada. Lá fora, a noite estava límpida como cristal, com um toque de outono no ar, invulgarmente fria para princípio de novembro na Virgínia. Josh usava apenas uma *T-shirt* e calças de ganga, mas dali a pouco estaríamos em casa, por isso não importava. Ao dirigirmo-nos para o parque de estacionamento, Andy e eu fizemos questão de recordar vários casais de que estavam convidados para virem a nossa casa, para um jantar improvisado depois do concerto e ver o jogo de futebol americano na televisão.

Vi Jen a conversar – sejamos francos, a namoriscar – com o seu namorado, Brandon. De cabelo encaracolado e olhos azuis, ele era um jovem muito atraente. Estava no 12.º ano e acabara de fazer 18 anos, o que tinha começado por colocar as minhas antenas maternas em alerta máximo. No entanto, ao longo dos meses de namoro ele revelara-se um cavalheiro cristão em todos os sentidos. Eu até abrandara a minha regra de «não andar de carro com condutores adolescentes» para deixar Jen andar de carro com ele. Como o resto da sua família viria a nossa casa dali a alguns minutos, decidi deixar que ele a levasse a casa.

– Trouxeste o carro esta noite? – perguntei-lhe.

– Não, minha senhora – respondeu ele, com os seus impecáveis modos sulistas. – Vim com os meus pais.

Durante um segundo pensei deixar Jen ir com a família Knight. Depois, apercebi-me de que com os jogos de basebol de Josh e os espetáculos da claque de Jen, há três semanas que não estávamos todos no carro ao mesmo tempo. Por isso, não fiz a proposta. Seria bom estarmos os quatro juntos de novo, mesmo que a viagem para casa fosse curta.

Entrámos na nossa carrinha Toyota, de 2003, com Andy no volante, eu ao lado, Jen atrás de Andy e Josh atrás de mim. Provavelmente, alguns dos nossos amigos chegariam primeiro a nossa casa, mas não fazia mal; poderiam conversar no jardim durante cinco minutos até nós chegarmos. Estávamos à espera dos meus pais, da mãe e do pai de Andy, do irmão de Andy, John, e dos dois filhos dele, de Brandon e da família dele e dos nossos amigos Robb e Paula Egel. Sempre um marido atencioso, Andy sugeriu que passássemos pelo KFC para comprar frango frito em vez de eu tentar improvisar alguma coisa tão tarde em casa. Os miúdos concordaram do banco de trás e eu não ia recusar um jantar duplamente descansado, sem loiça para lavar no fim.

Tivemos de nos desviar um pouco do caminho para comprar a comida, por isso não seguimos pelo percurso habitual da igreja para casa. Andy estacionou e foi buscar a nossa encomenda e nós esperámos na carrinha. Depois do que pareceu muito tempo, Josh perguntou-me se podia ir lá dentro para saber a que se devia a demora. Eu disse que sim e ele saiu rapidamente, ignorando o frio apesar da fina *T-shirt*, e entrou decididamente, como apenas um rapaz de 11 anos que vai procurar o pai conseqüente.

Passados cinco minutos, os meus dois homens saíram com a sua recompensa: quatro baldes grandes de frango KFC acabado de fritar. Andy pousou os dois baldes aos meus pés e Josh pousou os outros dois no banco entre ele e Jen. Ela estava ocupadíssima a enviar mensagens de texto a Brandon, apesar de o ter visto há dez minutos e de voltar a vê-lo dali a outros cinco. Senti o calor das embalagens nos meus pés. A nossa refeição ainda estaria a escaldar quando chegássemos a casa.

O telemóvel de Andy tocou. Era John, o irmão dele.

– Onde é que vocês estão? – perguntou ele, três quartos a brincar e um quarto aborrecido. – Estamos à vossa espera à porta, com o resto do grupo! Estão a caminho?

– Sim – descansou-o Andy. – O empregado do KFC teve de fritar mais frango para completar a nossa encomenda, mas chegamos dentro de cinco minutos.

Andy virou para Waterlick Road, uma rua estreita com dois sentidos que percorríamos ambos dúzias de vezes por semana e que ficava a cerca de um quilómetro e meio da nossa casa. Era uma estrada de campo antiga com valas de escoamento abertas dos dois lados, que mal deixavam a largura de um carro de espaço entre o alcatrão e a berma. Eu já tinha reparado naquelas valas – o bairro estava a tornar-se demasiado grande para as suas velhas estradas rurais –, mas naquele momento nem sequer pensei nelas. Naquele domingo, a noite estava tranquila e límpida e a lua brilhava no céu negro. Não havia muito trânsito.

Eu estava a antecipar uma casa cheia de amigos e boa camaradagem apenas a algumas curvas de distância. Faria café e Andy acenderia a lareira e ligaria a televisão no canal onde ia ser transmitido o jogo de futebol americano. Josh estava ansioso para nos contar as suas grandes jogadas no torneio de basebol e como tinham ganhado o jogo da final. Os meus pais e os pais de Andy estavam ansiosos para se ver e celebraríamos todos juntos um concerto maravilhoso e um sermão inspirado.

Porém, não foi o que aconteceu. Jen não viu Brandon, Josh não nos falou sobre o seu jogo de basebol, Andy e eu não estivemos com os nossos amigos e ninguém comeu frango.

Em vez disso, em apenas alguns segundos as nossas vidas mudariam para sempre.

>>>

Enquanto estávamos todos sentados na igreja a ouvir Jen cantar, um homem a quem eu chamarei «Carl Johnson», embora esse não seja o seu verdadeiro nome, estava sentado num restaurante do outro lado da cidade a pedir bebidas atrás de bebidas. Carl tinha 26 anos e um longo historial de condução sob o efeito de álcool. A verdade é que naquela noite ele não tinha uma carta de condução válida nem seguro automóvel. Como Carl tinha mais de 20 multas, a sua carta de condução fora suspensa. Ele tinha sido condenado duas vezes por conduzir sob o efeito de álcool e fora detido uma terceira vez, o que depois de uma condenação judicial implicaria uma pena de prisão obrigatória. Essa acusação continuava pendente; caso contrário, Carl estaria preso e fora da estrada naquela noite.

Carl pagou as suas bebidas e cambaleou até à sua *pickup* Chevy de 1979. Enfiou a chave na ignição, ligou o motor e querenu para Timberlake Road, evitando por pouco outros carros que buzinaaram e se desviaram para sair da sua frente. Passados alguns segundos seguia a toda a velocidade pela estrada e embateu lateralmente num Ford Explorer que ia na mesma direção.

Felizmente, aquele condutor, a quem chamarei Don, tinha visto Carl pelo espelho retrovisor e preparou-se o melhor possível na fração de segundo que antecedeu o impacto. Corrigiu a derrapagem e seguiu Carl, ligando para o 112 enquanto conduzia.

– Fomos atingidos por uma *pickup*... e o condutor não para! – comunicou Don. Continuou a seguir o veículo ondulante e a transmitir informações ao operador do 112. – Ele está a descer Waterlick Road em direção à [autoestrada] 881.

– Este tipo só pode estar bêbedo – disse Don. – Está sempre a mudar de faixa e segue nos dois sentidos da estrada.

Mais tarde, soubemos pela polícia que o teor de álcool que Carl tinha no sangue era de 3,1 gramas por litro no local do acidente, muito

acima o limite legal para conduzir depois de beber. A mãe e a namorada de Don, que também viajavam no SUV, começaram a rezar para que Deus protegesse quem estivesse na estrada enquanto a *pickup* em mau estado seguia a grande velocidade. A próxima vítima poderia não ter tanta sorte.

Don seguiu Carl até uma rua residencial sem saída. Passado um minuto, Carl fez inversão do sentido de marcha e voltou para o cruzamento da autoestrada 881 com a Waterlick Road. Adormeceu ao volante e ficou parado durante vários semáforos verdes. A *pickup* continuava a trabalhar e engatada, e apenas o pé de Carl no travão impedia o veículo de deslizar para o meio do cruzamento. Já tinham passado 20 minutos desde que Don ligara para o 112 e ele perguntava a si mesmo o que devia fazer.

Por fim, um agente da polícia chegou ao local e abriu rapidamente a porta da *pickup*. O polícia comunicou que encontrou um homem branco com a cabeça no volante e que havia um forte cheiro a álcool no veículo. O agente puxou o travão de mão e acordou Carl. Em seguida, ordenou-lhe que estacionasse o veículo, desligasse a ignição e lhe entregasse um documento de identificação.

Ainda em linha com o operador do 112, Don disse que o homem estava a sair do veículo.

- Então, agora ele está a falar com o agente? – perguntou o operador.
- Sim – respondeu Don.

Passados dois minutos, o agente da polícia mandou Carl voltar para o veículo e ficar lá.

Não se passa um dia sem que eu revise aquele momento em pensamento. Porque é que o polícia não algemou Carl e o prendeu no banco traseiro do seu carro? Ou, no mínimo, porque é que não lhe tirou as chaves? Obviamente, o suspeito estava completamente embriagado. Se o polícia o tivesse impedido de conduzir mais, o futuro da família Barrick teria sido muito diferente.

Depois de mandar o imprudente condutor ficar quieto, o agente da polícia dirigiu-se ao Explorer para ouvir o que Don tinha para dizer sobre o incidente. Parou junto ao vidro do lado do condutor enquanto Don começava o seu depoimento e depois recuou para acenar a um carro que ia a passar.

De repente, Carl ligou o motor da *pickup* e acelerou com um chiar de pneus e borracha queimada. Passou pelo semáforo da 811 e entrou na Waterlick Road – a 130 quilômetros por hora na noite escura.

Direito a nós.

Se não tivéssemos ido ao concerto naquela noite, se não tivéssemos decidido ir comprar frango ou se não tivéssemos de esperar mais tempo do que o habitual pela encomenda, não estaríamos a percorrer a Waterlick Road naquele momento. Mas estávamos, e na direção contrária a Carl, a cerca de um quilómetro de casa. Poucos minutos antes, quando se dirigia para a nossa casa, John, o irmão de Andy, tinha visto a *pickup* de Carl, parada num semáforo verde com as luzes apagadas. Ele imaginou que um desgraçado qualquer tinha deixado cair alguma coisa no chão do carro e estava a tentar apanhá-la. Agora, John estava no nosso jardim com os filhos Amanda e Andrew e com os nossos outros convidados à espera que nós chegássemos com a chave de casa e o frango.

Andy abrandou a carrinha para fazer a conhecida curva imediatamente antes do cruzamento da Waterlick com a 811, onde viraríamos à esquerda para entrar no nosso bairro.

Eu tinha-me voltado para trás e conversava com Jen, que estava um pouco nervosa porque toda a família de Brandon ia lá a casa pela primeira vez. Ela estava a telefonar a uma amiga que morava perto de nós para convidá-la para ir à festa.

– Ela não atende – disse Jen. – Achas que deixe uma mensagem?

Não tive tempo para responder. De repente, Andy gritou:

– Cuidado!

Não ouvi um impacto, não senti uma colisão, não senti dor, nada. O mundo ficou simplesmente preto.

